

O INTÉRPRETE NA MEDIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DE ALUNA COM BAIXA VISÃO NA DISCIPLINA LIBRAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Lana Carol de Sousa Martins (1), Luana Fernandes Magalhães (2), Sarah Maria Oliveira (3), Terezinha Teixeira Joca (4), Orientadora: Marilene Calderaro Munguba (5).

(1) Universidade de Fortaleza, lanamartins@live.com. (2) Universidade Federal do Ceará, luaflibras@gmail.com. (3) Universidade de Fortaleza, saraholiveira@hotmail.com. (4) Universidade de Fortaleza, terezinhajoca@unifor.br. (5) Universidade Federal do Ceará, mungubamarilene@gmail.com.

Resumo: O presente estudo apresenta como objetivo descrever a experiência de mediação de aprendizagem de uma aluna com baixa visão, por meio da Libras tátil, interpretação sussurrada e áudio descrição na disciplina de Libras. Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência com abordagem qualitativa. A experiência ocorreu na Universidade de Fortaleza, na disciplina Libras, no período de outubro a dezembro de 2016. Com a proposta de inclusão no Ensino Superior, a instituição e os professores realizam atividades adaptadas para atender as diferenças no meio acadêmico. E para desenvolver a metodologia de ensino a disciplina conta com dois professores ouvintes, um surdo e dois intérpretes de Língua Brasileira de Sinais. A experiência aqui relatada foca na estudante com baixa visão, aluna do sexto semestre do curso de Direito, nas duas tradutoras intérpretes da Universidade de Fortaleza e nas interações vividas com colegas e professores. Aplicou-se entrevista por pautas, para compreender as impressões da estudante e contou com os registros no diário de campo das intérpretes. As informações foram submetidas a uma Análise Temática. A partir da discussão dos resultados, foram identificados três núcleos de sentido: comunicação entre a aluna e o professor surdo; conhecimento agregado por meio da disciplina de Libras, para vida pessoal e profissional e a relação estabelecida com as intérpretes. Conclui-se que é possível o acesso da aluna que possui baixa visão na disciplina de Libras, a partir do profissional tradutor intérprete de Libras, que é possível haver inclusão e aprendizado da língua de sinais por uma pessoa com baixa visão a partir de adaptações metodológicas.

Descritores: Intérprete de Libras, Baixa Visão, Mediação da Aprendizagem, Ensino Superior.

Introdução

Com a proposta de educação para todos, seguindo o paradigma da inclusão, escolas e educadores passaram a repensar as suas metodologias de forma que atendessem às diferenças e desenvolvesse o respeito aos Direitos Humanos. E, na transição do século XX para o século XXI houve um acréscimo significativo da inserção das pessoas com deficiência ao Ensino Superior. Neste estudo trataremos especificamente da deficiência visual, a qual é classificada segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) a partir do nível de acuidade visual subdividida em cinco níveis – da acuidade visual corrigida à cegueira – no nível 3 encontra-se a visão subnormal ou baixa visão. “Dessa forma, a visão subnormal está associada a um nível que, mesmo com a utilização de correção comum (uso de lentes e óculos), impede a pessoa de realizar e/ou executar tarefas no seu dia-a-dia” (FARIAS et. al.. 2012, p. 457). Baixa visão é a terminologia adotada no âmbito educacional.

Motivadas em compreender como se dá a aprendizagem de uma pessoa com baixa visão em uma disciplina de metodologia prioritariamente visual, este relato de experiência tem por objetivo apresentar como ocorreu o processo de aprendizagem de uma aluna com baixa visão na disciplina de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), mediada por duas tradutoras e intérpretes de Libras, ofertada pela Universidade de Fortaleza - UNIFOR, com o suporte do Programa de Apoio Psicopedagógico – PAP, a fim de garantir a acessibilidade na disciplina.

O PAP é um programa da Universidade de Fortaleza, que tem como princípio o respeito à diversidade e às diferenças. O programa atende alunos e funcionários da Unifor com demandas emocionais, visuais, motoras e comunicativas. O setor está vinculado a Vice-Reitoria de graduação e a sua missão é promover a cultura de inclusão social e para isso disponibiliza diversos serviços, como: mobilidade dos alunos cegos, baixa visão e com deficiência física, leitura de provas, áudio descrição, atendimentos psicológicos e tradução e interpretação da Libras/português/Libras para alunos e professor surdos, a fim de garantir a acessibilidade arquitetônica e comunicacional no Campus.

O tradutor intérprete de Libras tem o papel de traduzir e interpretar da língua de sinais para a língua portuguesa e vice-versa em quaisquer modalidades que se apresentar. (QUADROS, 2004). Este profissional é regulamentado pela lei 12.319 de 1º de setembro de 2010 (BRASIL, 2010). A qual indica que esse profissional deverá ter a formação através de cursos profissionais, em extensão universitária ou cursos oferecidos por instituições superiores e secretarias de educação. Há ainda o profissional guia-

intérprete, que tem uma formação específica e seu principal papel, segundo Rodríguez (1999, citado por LOURENÇO, 2012, p.111)

Descrever o que ocorre em torno da situação de comunicação, a qual inclui tanto o espaço físico em que esta se apresenta como as características e atividades das pessoas nela envolvidas. Esta habilidade denomina-se Descrição Visual; Facilitar o deslocamento e a mobilidade da pessoa com surdocegueira no meio, a qual é chamada de Guia.

Na formação de guia-intérprete, diversas técnicas e modalidades são desenvolvidas, dentre estas, a Libras tátil, uma das modalidades abordadas neste estudo. Esta modalidade comunicativa também é utilizada pelas pessoas surdocegas, e por isso foi pensada como estratégia para o processo de aprendizagem da aluna com baixa visão (de perda gradativa). Além da técnica de tradução sussurrada também aplicada pelas tradutoras e intérpretes de Libras.

De acordo com o decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005 (BRASIL, 2005), a disciplina de Libras é curricular e obrigatória em cursos superiores e no nível médio na formação de professores para o exercício do magistério, em todos os cursos de licenciatura e pedagogia e também para os cursos de Fonoaudiologia. Entretanto, para os demais cursos de nível superior, a disciplina Libras é optativa. Na Universidade de Fortaleza, como não há o curso de Pedagogia, a disciplina é obrigatória para os cursos de Fonoaudiologia e Educação Física Licenciatura e oferecida como optativa para os demais cursos.

Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo que de acordo com Severino (2016) tem o objetivo de descrever as características de determinado fenômeno ou população, estabelecendo relações entre variáveis; do tipo relato de experiência, que de acordo com Severino (2016) e Minayo (2010), acontece quando o pesquisador expõe sua vivência no ambiente da investigação, fazendo análise do material coletado e observado por ele.

Adotou-se a abordagem qualitativa, que considera a subjetividade que não pode ser traduzido em números, e volta-se para a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados (BAUER; GASKELL, 2014; MINAYO, 2010).

A experiência relatada ocorreu na UNIFOR, especificamente na disciplina de Libras, no período de outubro a dezembro de 2016. A disciplina contava com três professores, sendo um surdo e duas professoras ouvintes. A disciplina possui 2 créditos, portanto, era apenas nas terças de 13:30 as 15:10, correspondendo a 100 minutos de aula. O professor surdo responsabilizava-se pela parte

prática da língua brasileira de sinais, que envolve aspectos gramaticais e fonológicos. As duas professoras lecionavam sobre a teoria, abordando o processo histórico, a cultura surda e suas características. Na metodologia proposta pelos professores, após a segunda aula, a turma era dividida em dois subgrupos, denominados de turma A e turma B, a primeira inicia com a professora que abordará a teoria, enquanto que a segunda inicia com o professor surdo nas aulas práticas do ensino da Libras. Após a primeira avaliação, na metade do semestre, há a troca das turmas A e B, para que ambas as turmas participem do conteúdo teórico e aprendam também de forma prática. Em geral a disciplina conta com apenas um intérprete para o professor, mas no caso da aluna que não visualizava os sinais, havia a presença constante de uma intérprete ao seu lado e que a acompanhou nos dois momentos (com o professor surdo e com as professoras ouvintes).

Como metodologia, além da observação participativa, os registros no diário de campo, aplicou-se entrevista por pautas proposta por Gil (2010) como um tipo que se constitui com certo grau de estruturação, por meio de um elenco de pontos de interesse explorados pelo entrevistador durante o processo, mediante poucas perguntas diretas e incentiva o entrevistado a falar livremente, à medida em que se reporta às pautas apresentadas.

As impressões sobre a vivência foram registradas no diário de campo que Minayo (2010) afirma ser um caderno de anotações, onde o pesquisador anota e registra tudo o que acontece no cotidiano da pesquisa, assim como conversas informais, aspectos comportamentais e percepções pessoais.

As informações foram submetidas a uma Análise Temática, que de acordo com Severino (2016) e Minayo (2010), se caracteriza por identificar os núcleos de sentido que compõem uma comunicação em que a presença ou frequência apontem significados para o objetivo analítico visado.

O estudo respeitou os princípios éticos recomendados pela Resolução nº 466/12 do Ministério da Saúde (BRASIL, 2012). A Resolução indica referenciais da bioética, sob a perspectiva do indivíduo e das coletividades, como, autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade, entre outros, e visa assegurar os direitos e deveres que dizem respeito aos participantes da pesquisa, à população científica e ao Estado.

Descrição da experiência

A experiência a ser relatada trata do processo de aprendizagem de uma aluna com baixa visão chamada Roberta¹, com o apoio de duas tradutoras e intérpretes de língua de sinais, por meio da Libras tátil e interpretação Libras/português sussurrada, áudio descrição, e pelas adaptações realizadas na disciplina pelos professores e pelo monitor da disciplina Libras.

A aluna Roberta já é acompanhada pelo PAP, desde a sua prova de vestibular para o ingresso na Universidade, uma vez que o programa presta o serviço de mobilidade no campus, de adaptação de material, de leitura de provas, além do áudio descrição (AD) em eventos e palestras. Com a decisão da aluna em matricular-se na disciplina de Libras, o PAP preocupou-se em garantir a efetiva acessibilidade, de Roberta, na disciplina. Assim, foi pensada e planejada a atuação de duas profissionais com formação em tradução e interpretação de Libras, com formação em áudio descrição e conhecimento em Libras tátil, para melhor atender a esta demanda.

Destaca-se que na disciplina, o primeiro dia de aula é iniciado completamente em Libras, com o intuito de causar uma empatia nos alunos e para que sintam como é a realidade de um surdo em seu cotidiano no mundo ouvinte. Diferentemente dos demais estudantes, antes da primeira aula, Roberta teve um contato inicial com as duas intérpretes de Libras para conversarem sobre como seria a mediação durante o semestre, as estratégias e a adaptação a serem adotadas em sala de aula, a fim de esclarecer em quais momentos o acompanhamento seria realizado. Momento em que foi percebida a motivação da aluna para nova experiência com uma disciplina de uso didático muito visual, ao concordar com a proposta e afirmar ser de suma importância esse esclarecimento. Ressalta-se que tal explanação das interpretes e a boa relação com a aluna fluíram de forma natural por já terem um conhecimento prévio da aluna e também devido a reunião prévia com os professores responsáveis pela disciplina e acordarem sobre o que poderia ocorrer e como se daria a mediação durante as aulas práticas, bem como definiram as estratégias a serem utilizadas na avaliação.

A medida que as aulas aconteciam, diferentemente do habitual em sala de aula, Roberta sentava-se de costas para os professores, pois a intérprete responsável pela replicação dos sinais, de forma espelhada, precisava se posicionar de frente para os professores a fim de visualizar a

¹ O nome da aluna com baixa visão é fictício a fim de garantir o sigilo e cumprir os aspectos éticos.

sinalização, diante da aluna, e repassá-la. Desse modo a modalidade utilizada era a Libras tátil, enquanto que a segunda intérprete posicionava-se ao lado para realizar a áudio descrição, do que acontecia no ambiente e era exposto em slides.

Da mesma forma, no momento em que os professores se apresentavam exclusivamente pela sinalização em Libras, a intérprete que estava sentada à frente da aula, replicava todos os sinais em suas mãos e ela apenas tateava as mãos da intérprete tentando entender a situação que acontecia com a mesma expressão feita pelos demais alunos, de incompreensão acerca do desconhecido. Em outras palavras, a aluna que estava tentando compreender em Libras tátil, reagia da mesma forma que os demais estudantes, capazes de visualizarem a sinalização dos professores. Posteriormente, a essa comunicação nova para todos, por meio exclusivo em sinais, um dos professores começava a se apresentar em português, trazendo alívio para a aluna e para o restante da classe. Assim, no momento de fala do professor a aluna juntamente com os colegas ouvia a professora, enquanto a intérprete passava a realizar a interpretação para o outro professor surdo. Consequentemente, nos instantes em que o professor surdo falava em língua de sinais, intercalava-se com a interpretação voz para aluna.

Uma vez que a metodologia utilizada na disciplina, prevê a divisão da turma em um grupo com a teoria e outro com atividades práticas, então houve a separação das intérpretes e a Roberta ficou, inicialmente, com a turma teórica juntamente com a professora ouvinte e o monitor da disciplina, que apoiava na proposta de acessibilidade da aluna, assumindo a áudio descrição dos vídeos e das imagens dos slides, enquanto que a professora ministrava a sua aula de forma natural e inseria adaptações, tais como indicar a aluna quando havia slide, ler para a compreensão de todos e descrevia as imagens do slide, para que a aluna entendesse o contexto ali apresentado. Enquanto isso, as intérpretes foram dispensadas e ficaram a disposição no PAP, à medida que a aluna estava acompanhada pelo monitor da disciplina, nas aulas teóricas. Isso ocorreu para que seguisse a metodologia da disciplina que dispensa o serviço do intérprete, em uma parte da disciplina para que os estudantes tenham um contato mais genuíno com a língua de sinais e a cultura surda. Notadamente, a ausência de intérpretes foi proposital, pois “é importante que o aluno cego seja orientado a seguir as mesmas regras da sala de aula e as normas de disciplina, exatamente como qualquer outro aluno deve seguir. Deve ser estimulado a participar de todas as atividades do dia a dia escolar” (SILVA, 2011, p. 151).

Por outro lado, quando a aluna migrou com a sua turma para as aulas práticas, com a mediação do professor surdo, houve o retorno das intérpretes, período em que o contato e apoio à estudante tornaram-se mais sistemáticos e ativos, com

o intuito de contribuir de forma mais efetiva com a sua aprendizagem, a partir da mediação comunicacional por meio da sinalização tátil.

Por ter baixa visão e a parte prática da disciplina exigir uma comunicação visual, a aluna Roberta demonstrou muito receio e insegurança quanto a sua aprendizagem da Libras e desempenho na disciplina. Isso porque diferentemente da Língua Portuguesa (oral-auditiva), a língua de sinais apresenta a modalidade espaço-visual como forte característica e, nesse caso, as limitações da aluna ficavam mais evidentes e, assim, ela temia não conseguir compreender com clareza as informações.

Ressaltamos que a metodologia da pedagogia visual é utilizada tanto na mediação das aulas práticas como teóricas, com o intuito de facilitar o entendimento dos alunos dotados de visão, aprimoramento da percepção visual dos alunos e também para melhorar a comunicação dos alunos com o professor surdo. Para Munguba, Porto e Vasconcelos (2014), a utilização da pedagogia visual no ensino de Libras, possibilita aos alunos uma melhor compreensão e ter um bom aprendizado com relação à língua de sinais e a cultura surda. Por conseguinte, instalava-se o desafio de possibilitar uma aprendizagem significativa para a estudante que se mostrava em desvantagem de visão em relação aos demais.

Vale salientar, que por a aluna não se caracterizava como uma pessoa surda-cega, mas, para favorecer a sua aprendizagem a equipe da disciplina (professores, intérpretes e monitores) buscaram de identificar o quadrante espacial em que existe o resíduo visual da aluna para a execução da sinalização pela intérprete, e a utilização da Libras tátil (CADER-NASCIMENTO, 2010), como é indicada para surdo-cegueira, tanto na forma de digitação de sinais no corpo da pessoa, geralmente na palma da mão, como a manutenção das mãos da pessoa sobre as mãos do interlocutor para que perceba a execução dos parâmetros da Libras como movimento, articulação, alocação e orientação da mão; também foi utilizado o alfabeto dactilológico (alfabeto manual), também conhecido como alfabeto tátil por ter o reconhecimento pelo toque com a sua execução nas mãos da pessoa.

Durante o percurso semestral, a cada aula, às intérpretes seguiam com o planejamento de trabalho e a proposta de acessibilidade assertiva, seguindo as orientações de posicionamento, a audiodescrição, a interpretação por meio da Libras tátil e de voz sussurrada, obedecendo a troca de intérpretes a cada 20 minutos, como de praxe na atuação do serviço de interpretação de Libras.

No período das aulas práticas, a aluna tinha toda as aulas repassada através das intérpretes, quando a mesma não entendia, as intérpretes repetiam e a aluna reproduzia o sinal para

verificar se estava correto ou não. Nos momentos de prática da língua, diálogos eram feitos em duplas, assim, a aluna praticava com os colegas, ela sinalizando normalmente, e o colega que estivesse praticando junto, utilizava a Libras tátil.

No final do semestre, é chegada a hora da avaliação prática. Como sempre ocorre nesta disciplina, a prova escrita e sinalizada era composta de questões objetivas. Então, o professor sinalizava cada questão e as suas alternativas para que os alunos façam sua escolhas a partir do conhecimento construído e marque a opção de resposta de acordo com a sua sinalização. A fim de garantir a participação da aluna, como os demais colegas, a metodologia utilizada compreendeu a repetição da sinalização do professor por meio da Libras tátil e a leitura das questões da prova, para que houvesse a escolha da questão a ser indicada expressa oralmente e posterior a marcação pela intérprete.

Com base nas observações das autoras e as informações coletadas na entrevista por pautas, identificou-se os três núcleos de sentido: 1. Comunicação entre a aluna e o professor surdo; 2. Conhecimento agregado por meio da disciplina de Libras, para vida pessoal e profissional e 3. A percepção sobre a mediação realizada pelas intérpretes, os professores e o monitor. Sobre o que faremos uma breve explanação, a seguir.

Comunicação entre a aluna e professor surdo

Constata-se no depoimento da aluna que a metodologia possibilitou aprendizado, pois, após o seu aprendizado básico da língua de sinais, a sua comunicação com o professor surdo ficou mais fácil. Ao que pode ser observado em sua fala:

No começo, nós dois não conseguíamos nos comunicar, eu sempre pedia a mediação do intérprete porque eu ainda tinha muito receio, porque eu ainda não sabia nada de Libras, mais depois eu fui me adaptando, aí eu já conseguia ter uma comunicação sinalizando, e nós usávamos a libras tátil, foi bem fácil.

Ressaltamos que os métodos visuais possibilitam a mediação de informações imagéticas e ainda contextualizar as atuais formas de comunicação (BAUER; GASKELL, 2014). Nesse sentido, podemos afirmar como Vygotski (1989, p. 54, tradução nossa): “importa que a educação seja orientada em direção à plena validade social e a considere como um ponto real e determinante, e não que se nutra de ideia de que o cego está condenado a menos valia”. A experiência relatada demonstra que promover aprendizado aos estudantes, sem distinção, é uma questão de respeito às diferenças e busca de um fazer educacional assertivo.

Conhecimento agregado por meio da disciplina Libras, para vida pessoal e profissional

A aluna reconhece a importância de aprender a língua de sinais, para sua profissão, e socialização como afirmou em seu depoimento.

Para minha vida pessoal foi àquela troca entre as duas deficiências, que foi maravilhoso que é possível o deficiente visual e o surdo conviverem, isso foi a experiência pessoal, e na experiência profissional é caso eu pegue algum cliente surdo eu vou poder pelo menos cumprimentá-lo, já ter alguma noção, não vai ser tão difícil de trabalhar com esse cliente, pois já tenho uma noção da língua de sinais.

A tomada de consciência da aluna em relação à necessidade de ter o conhecimento básico para desenvolver uma comunicação com o seu cliente, revela uma preocupação e comprometimento com aqueles que a irão procurar no futuro, em sua prática de advocacia. Pois, em todas as áreas de serviços da sociedade, o surdo sente-se excluído por conta da barreira comunicacional existente. Como ressaltam Pires e Almeida (2016, p. 70) ao se referirem ao atendimento dos surdos na área da saúde: “a situação se torna limitada para o profissional tanto quanto para o paciente o que prejudica a comunicação, conseqüentemente a criação de vínculos a ser estabelecidos entre ambos”. Desse modo, é pertinente a colocação da aluna, considerando que no atendimento ao usuário surdos no serviço jurídico é preciso comunicar-se para poder compreender a sua demanda e atuar de forma mais adequada.

Nesse sentido, em estudo realizado por Munguba, Porto e Vasconcelos (2012, p. 7) egressos do curso de Terapia Ocupacional que cursaram a disciplina Libras na sua formação na Unifor,

Afirmaram que se tornaram referências nos serviços como um profissional diferenciado por se comunicar em Libras e ter a sensibilidade e compreensão sobre a cultura surda e, portanto, quanto às peculiaridades do povo surdo. Egressos que submeteram seus currículos em escolas regulares e especiais foram apontados como detentores de capacitação diferenciada, contribuindo para a contratação.

O que denota a importância da disciplina nos cursos propostos pela Universidade e o envolvimento de futuros profissionais para atender às diferenças de sua clientela.

Percepção sobre a mediação realizada pelas intérpretes, os professores e o monitor

É de suma importância o sentimento de pertença desenvolvido pela Roberta. Ao se sentir parte do grupo e acolhida, pelos colegas, professores, monitor e intérpretes o seu processo de aprendizagem ocorreu de forma natural. Ao que nos faz refletir e a reafirmar que a “inclusão é uma tarefa complexa, que exige do educador múltiplos saberes da prática educativa, principalmente porque pressupõe o respeito às diferenças existentes entre os educandos (SILVA, 2011, p. 149).

Nesse sentido, a aluna passou a se sentir privilegiada, pois havia uma equipe de educadores, de facilitadores do aprendizado, como ela comenta:

Na parte teórica, a professora não sabia como lidar muito com a audiodescrição, a participação do monitor foi importante, porque ele fazia a AD quando tinha imagens, filmes, na parte teórica, e na parte prática a intervenção das intérpretes foi bacana, porque eram elas que me auxiliavam na hora de sinalizar, elas que ficavam comigo. Então eu acho que eu aprendi bem mais que os dotados de visão, porque elas estavam ali, e eu ficava pegando no sinal, então se tornou bem mais fácil. Depois que eu comecei a aprender, eu passei a ter mais segurança de me comunicar com o professor, diferente do começo que eu ficava bem nervosa e sempre pedia o auxílio das intérpretes.

A partir das experiências com na disciplina, percebe-se que a mediação da aprendizagem de Libras requer metodologia específica que,

Desperte a atenção e memória visuais: como os falantes de línguas orais-auditivas desenvolvem geralmente mais atenção e memória auditivas, é necessário um esforço para o desenvolvimento da percepção visual do mundo – um olhar, uma expressão fácil, sutis mudanças na configuração das mãos são traços que podem alterar o sentido da mensagem (GESSER, 2012, p.5).

Concomitantemente, exige do intérprete um comprometimento com a sua práxis, em busca de realizá-la com seriedade e respeito, além de se colocar aberto para o novo e para o enfrentamento dos desafios.

Considerações finais

Ao verificar a descrição da experiência, identifica-se que a utilização da Libras tátil, da audiodescrição e da interpretação sussurrada utilizadas como estratégias de mediação da aprendizagem da Libras para a aluna Roberta, obteve concordância com a proposta de mediação oferecida para a aluna. Uma vez, que o objetivo principal era possibilitar à aluna as mesmas oportunidades da aprendizagem prática da Libras, assim como os demais alunos.

Sobretudo, a vivência com a língua de sinais, que possui modalidade diferente das línguas orais, bem como características específicas, possibilitou a experiência de perceber o outro e o mundo sob uma nova óptica, com a existência de diferenças linguísticas e culturais.

Conclui-se que o acesso da aluna, que possui baixa visão na disciplina de Libras, é possível a partir do profissional tradutor intérprete de Libras em colaboração com os professores, utilizando a técnica correta para a melhor adaptação da aluna. Em síntese, acrescenta-se, que é possível haver inclusão e aprendizado da língua de sinais por uma pessoa com baixa visão a partir de adaptações metodológicas, do desejo da pessoa em aprender, do envolvimento de equipe educacional e colegas copartícipes desse aprendizado.

Referências

BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 12. ed. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, Rj: Vozes, 2014.

BRASIL. *Decreto N° 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 29 set. 2017.

BRASIL. *Lei N° 12.319, de 1° de setembro de 2010*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm. Acesso em: 29 set. 2017.

BRASIL. *Resolução N° 466, de 12 de dezembro de 2012*. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 29 set. 2017.

CADER-NASCIMENTO, F. A. A. A.; COSTA, M. P. R. *Descobrimos a surdocegueira: educação e comunicação*. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

FARIAS, T. M. P. et al. Visão subnormal: um olhar mais profundo. In: RIBEIRO, J. L. P. et al (Org.). *Actas do 9º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde*. Lisboa: Placebo, 2012. p. 433-439.

GESSER, A. *O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a Libras*. São Paulo: Parábola, 2012.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: atlas, 2010.

LOURENÇO, S. M. E. Guia-interprete de Libras para pessoa com surdocegueira: reflexões sobre as tendências e perspectivas de sua formação. In: *Libras em estudo: tradução/interpretação*. São Paulo: FENEIS, 2012. Disponível em: <http://www.dlibras.unir.br/uploads/81818181/PUBLICACOES%20LIVROS/LIVRO%20Libras-em-Estudo-Traducao-Interpretacao.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2018.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MINAYO, M. C. de S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 34. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

MUNGUBA, M. C.; PORTO, C. M. V.; VASCONCELOS, W. C. P. Pedagogia visual – um jeito surdo de ensinar e aprender Libras na Unifor. In: Encontro Práticas Docentes, 7, 2014, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2014. p. 1-10.

MUNGUBA, M. C.; PORTO, C. M. V.; VASCONCELOS, W. C. P. Cultura surda na formação profissional - percepção de egressos do curso de terapia ocupacional. In: Encontro Práticas Docentes, 7, 2014, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2012. p. 1-10.

QUADROS, R. M. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Secretaria de Educação de Surdos. Brasília: MEC; SEESP, 2004.

PIRES, H. F.; ALMEIDA, M. A. P. T. A percepção do surdo sobre o atendimento nos serviços de saúde. *Revista Enfermagem Contemporânea*, Salvador, v. 5, n. 1, p.68-77, 2016.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 24. Ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, L. G. dos S. Estratégias de ensino utilizadas, também, com um aluno cego, em classe regular. In: MARTINS, L. A. R. et al (Org.). *Inclusão: compartilhando saberes*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 149-161.

VYGOTSKI, L. S. Obras escogidas. Tomo V. *Fundamentos de defectologia*. Cuba: Pueblo y Educación, 1989.